

**A LÍNGUA PORTUGUESA COMO INSTRUMENTO DE ACESSO AO MERCADO DE
TRABALHO: IMIGRANTES NO NORTE DE MATO-GROSSO**

KELLY PELLIZARI
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO (UFMT)
kyp1_pl@hotmail.com

HELENICE JOVIANO ROQUE-FARIA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)
helenicefariaj@gmail.com

A LÍNGUA PORTUGUESA COMO INSTRUMENTO DE ACESSO AO MERCADO DE TRABALHO: IMIGRANTES NO NORTE DE MATO GROSSO

Introdução

Este estudo propõe refletir sobre os sentidos da aquisição da língua portuguesa pelos imigrantes, a partir das relações de trabalho em contexto do norte de Mato Grosso/ Brasil. Compreendemos que a interação entre os atores sociais evidenciam os modos e as condições de produção, quais sejam, sociais, culturais e econômicas visualizadas nas relações de poder (Foucault, 1979), e que interferem significativamente na questão de língua e na construção da identidade dos imigrantes imersos no mercado de trabalho. Assim, a proposta justifica-se devido ao fluxo migratório de haitianos para várias regiões do Brasil a partir de 2011, intensificada para a região pesquisada e que ao submeterem-se às condições que os interactantes empregadores oferecem torna-se “obrigatoriedade” a aquisição do português como língua de sobrevivência.

Língua (gem), cultura e identidade são fatores indissociáveis quando se empreende conhecer as produções da humanidade em suas práticas sociais. Assim, refletir sobre a língua e entendê-la como fator preponderante nas relações de trabalho requer elucidar os sentidos que os sujeito da língua(gem) produzem nas/pelas relações que constroem, frente suas necessidades, quais sejam sociais, culturais e humanas.

Assim, nossa proposta se pauta em estudiosos como Sá(2016), Amado(2016), Dias (2016) Pimentel, Cotinguiba(2014); Cotinguiba e Pimentel (2015); Silva(2014); Bauman(2005), para citar alguns e conhecer como o processo migratório funda nova forma de significação sobre a realidade pesquisada nas relações de trabalho e aprendizagem da língua portuguesa.

Tendo em vista o fluxo migratório de haitianos para várias regiões do Brasil a partir de 2011 e intensificada para a região pesquisada, observamos que qualquer imigrante, neste caso o haitiano, ao submeter às condições que os interactantes empregadores oferecem “obriga-se” a aquisição do português como língua. Assim, a singularidade do fenômeno “aquisição de uma língua” nas relações que se estabelecem, o trabalho, traz efeitos significativos, uma vez que a língua(gem) media todo o processo trabalhador *versus* empregador. O alerta de Corrêa(2016, p.31) quanto ao “cenário de uma nova ordem social globalizada, na qual as interações sociais, políticas, culturais e linguísticas intensificam-se e remodelam-se num espaço concebido ao mesmo tempo como endógeno e exógeno” nos encaminha às reflexões iniciais: a) Qual(s) sentido(s) de língua emergem na/da relação empregador e empregado? b) Como acontece a interação linguística entre os atores sociais pesquisados? Como o domínio da língua portuguesa, pode contribuir para facilitar ou mediar as relações de trabalho e a interação social desses imigrantes?

Se se considera que há implicações sociais, históricas e linguísticas que merecem atenção, não apenas do governo brasileiro, mas da sociedade de maneira geral, e que a presença e a busca pela inserção social desses imigrantes impactam a vida de muitos, conforme Moraes, Andrade, Mattos (2013); Pimentel, Cotinguiba, (2014); Zeni, Filippim, (2014) atentamos para este cenário na tentativa de responder as perguntas levantadas e contribuir para as pesquisas inerentes à Relação de Trabalho e linguístico/social.

Neste caminho, a migração é evidenciada como processo, nos termos de Hall(2005, p.106) incompleta, inacabada, ainda colocada em rascunho, sem desconsiderar que há implicações do mundo globalizado e que interferem na realidade contemporânea, bem como

seus impactos, terreno movente e híbrido, onde língua, cultura e identidade são conceitos convocatórios para os estudos linguísticos e para as interações do mundo do trabalho.

Este artigo estrutura-se em três sessões de cunho teórico, em que apresentamos pressupostos sobre a imigração e as relações de trabalho no século XXI, um breve retrospecto sobre o processo migratório no contexto norte mato-grossense e a discussão sobre os sentidos do português incorporados nas relações de trabalho. Posteriormente, apresentamos os passos metodológicos, seguidos da análise dos resultados da pesquisa e por fim, alguns apontamentos que este estudo possibilitou.

Imigração e relações de trabalho no século XXI

Nos últimos anos a temática migração tem sido constante em diferentes suportes e tipos de mídia. Com a globalização, os fluxos migratórios se intensificaram no mundo e o Brasil não ficou inacessível a essa dinâmica; segundo Martes (2016) provocando às agendas educacionais debates e (re) conceitualização associados à língua, cultura, identidade, cidadania, dentre outros.

Os dados censitários apontam que entre 2000 e 2010 mais de 260 mil imigrantes adentraram em fronteiras brasileiras (OLIVEIRA, 2010; SOARES, LOBO, MATOS, 2015). Segundo o Ministério da Justiça computa-se entre 2010 até o primeiro trimestre de 2016, mais de 53.300 vistos de permanência emitidos, sem contabilizar os imigrantes não documentados, que conforme estimativas da Polícia Federal ultrapassam 128.000 pessoas de diferentes nacionalidades, que entraram no Brasil sem autorização. Dos imigrantes que já se apresentaram às autoridades brasileiras, a grande maioria é de nacionalidade Haitiana, seguidos dos peruanos, dos coreanos, dos chineses e dos africanos (MARTES, 2016).

No que se refere a inserção dos haitianos no mercado de trabalho brasileiro passaram de 815 pessoas em 2011 a 30.484 em 2014. Representam a maior população de trabalhadores no país depois dos nativos. Eles se concentram principalmente nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, predominantemente do gênero masculino em idade produtiva entre 20 e 49 anos com escolaridades de nível médio completo ou incompleto, conforme dados da OBMigra, 2016.

Nos últimos anos a literatura, de modo geral, atenta para este acontecimento, tendo em vista que esta é uma preocupação global e sua compreensão avolumam-se através de ensaios, artigos nas mais diversas áreas do conhecimento científico. Em tais produções pode-se perceber que há uma recorrência de diversos aspectos, mas principalmente a questão da língua enquanto construção de identidade do imigrante.

Entretanto, outro assunto que ecoa com veemência é a falta de políticas públicas de acolhimento e permanência, a reflexão mais pontual sobre os métodos de inclusão social para estrangeiros, a equidade e a garantia dos direitos humanos a este contingente, a conscientização dos povos e a quebra de preconceitos relacionados a esta população, a inserção ao mercado de trabalho, as políticas linguísticas e cultural, dentre outras que poderiam ser elencadas conforme Amado (2011); Cotinguiba e Pimentel(2012); Thomaz(2013); Moraes, Andrade e Mattos (2013); Zeni e Filippim (2014); Soares, Lobo e Matos (2015) e, Jaqueira e Martins (2015).

A condição de imigrantes traz consigo não apenas o estranhamento da chegada em um país diferente do seu, de uma língua estranha a sua, de uma cultura que se revela diversificada e que precisa ser aprendida. Estas e outras questões perpassam por várias instâncias, quais sejam emocional, física, moral, cultural, pois o sujeito tem diante de si desafios, dentre eles, inserir-se em uma nova ordem sociocultural como apontada nos estudos de Silva (2002), Patarra e Baeninger (2004) e, Soares, Lobo e Matos(2015).

Pouco se menciona sobre as políticas nacionais de inserção social, dentre elas as realações de trabalho, ações que deveriam minimizar os possíveis conflitos que se originam, por exemplo, a partir do movimento demográfico enunciado por Thomaz (2013); Pacífico e Pinheiro (2013); Zeni e Filippim (2014).

Pactuamos com Patarra(2005) que avilta a demanda acentuada cada dia mais e que ultrapassa a ajuda pontuais como informação, acolhimento e emprego. Na realidade existe um “clamor” pelos imigrantes para serem inseridos no mercado de trabalho (SASSEN, 2002; RAMOS, 2005; REIS, 2004).

Sem dúvida, o mercado de trabalho é um cenário conflituoso para os imigrantes, mas, é esse contexto que lhe proporcionará sua inserção social, mesmo que em meio às dinâmicas de trabalho a diversidade cultural e linguística sejam fontes de atrito (SILVA, 2002). Por este espaço, paradoxal, as relações de trabalho ganham vida e visualizam os percalços linguísticos e sociais.

Outra problemática está na interação entre empregador e empregado, a figura de um terceiro agente, o mediador, aquele que trata da conciliação entre estes dois, mais comumente corporificados pelas entidades sindicais e associações aventados (MELO, CARVALHO NETO, 1998).

Debater sobre as relações de trabalho permite constatar que empregadores, empregados e o governo se relacionam em meio a um mesmo contexto social; no entanto, esses setores são compreendidos de maneiras diversas, o que gera dificuldades entre as partes, mesmo se considerarmos que as relações de trabalho se constroem da inter-relação e suas ações é que estabelecem as regras que, coerentes ou não, impactam suas vidas em maior ou menor grau, podendo gerar situações conflituosas (DUNLOP,1993).

Tais conflitos de interesse intensificam-se, na medida em que uma das partes acredita ou percebe que um pode se sobressair em relação à outra, por algum fator. Assim, as relações de poder conforme pontuadas por Foucault (1979), se manifestam também nas relações de trabalho e apresentam sua assimetria. Por este o caminho percorremos para elucidar alguns efeitos do português como língua, a partir das relações de trabalho entre empregadores brasileiros e imigrantes haitianos, em contexto norte de Mato Grosso.

Um olhar sobre o norte mato-grossense e o processo migratório

Como evidenciado, o estado de Mato Grosso/MT recebe imigrantes, a maioria vinda do Haiti. O Ministério das Relações Exteriores(MRE)apontou que em 2013 o montante de haitianos em território brasileiro superava a marca de 10.000; dentre estes, 6.052 estavam com seus vistos permanentes regularizados em junho de 2013 (MORAES, ANDRADE, MATTOS, 2013). De Janeiro de 2012 a Maio de 2016, 48.361 vistos foram emitidos aos imigrantes haitianos no país e mais de 51.000 autorizações de residência (OBMigra, 2016).

Não apenas a região sudeste brasileira, principal destino de muitos, mas outras regiões começaram a receber e incorporar esses imigrantes, mesmo de maneira desordenada, por falta de infraestrutura e políticas governamentais de (THOMAZ, 2013; MORAES, ANDRADE, MATTOS, 2013).

A região pesquisada é conhecida como fronteira agrícola e cuja economia é baseada na agricultura e serviços, recebe, principalmente nos dois últimos anos, uma quantidade significativa de refugiados haitianos. Dados da Polícia Federal de Mato Grosso apontam-nos que só neste estado, até novembro de 2015, havia 884 pedidos de vistos de permanência, sem considerar aqueles que chegam não documentados.

Certamente que o fluxo migratório traz uma série de discussões e revela confusão social, especialmente de ordem regional, mostrando aparente despreparo em lidar com tal situação. Sem

infraestrutura e política pública, o município não consegue atender as demandas básicas como emprego, moradia e saúde, sequer informação da quantidade de haitianos que chegaram, e, continuam chegando.

Na tentativa de atenuar tal situação de vulnerabilidade por que passam os imigrantes surgem algumas frentes sociais que, ainda de modo incipiente, desenvolvem projetos de acolhimento e integração dessas pessoas. Como exemplo citamos O Serviço Social da Indústria de Mato Grosso - SESI- MT, que ofereceu, em parceria com as prefeituras locais, ensino da língua portuguesa, a fim de que, com a aprendizagem consigam mais facilmente serem inseridos no “mundo do trabalho”. Também o Instituto Federal de Mato Grosso - Campus avançado de Sinop (IFMT) recentemente ofereceu um curso de extensão em que o ensino da língua evoca a minimização da desigualdade e a inserção social do aluno mediado pelo ensino de língua. Outras instituições religiosas como a Igreja Católica (IC) que empreende ações de acolhida e salas de aula para esse contingente, esforça-se por apresentar à sociedade e ao mercado de trabalho tal população.

No entanto, percebemos que estas frentes/ações são pequenas diante da necessidade dos imigrantes. Amado (2011, 2016) enfatiza a falta de políticas públicas que promovam o ensino da língua aos imigrantes haitianos que chegam ao Brasil.

Mesmo assim, alguns comércios da região pesquisada “oportunizam condições de trabalho” e tentam absorver esse novo contingente. Atualmente, é comum encontrar haitianos trabalhando em empresas locais e de maneira informal, em pontos estratégicos da cidade como camelôs, nas construções civis, nos serviços domésticos, etc fato que carece estudo e entendimento da participação destes sujeitos-empregados nesta região.

Também é notório que a assistência social promovida pela iniciativa pública revela-se insuficiente, o que coopera para o crescimento das desigualdades sociais, relatado nos estudos de Cotinguiba e Pimentel, (2012) e Moraes, Andrade, Mattos, (2013), em observância à atual conjuntura econômica e social por que tem passado o país.

Neste percurso as relações de trabalho que envolvem os imigrantes haitianos merecem atenção, uma vez que tem impactado, não apenas a vida dos recém-chegados, mas também a sociedade de modo geral. Desta forma, acredita-se que as relações de trabalho que se estabelecem na região norte-mato-grossense, das quais os imigrantes haitianos configuram-se como um dos atores sociais, apresentam aspectos relevantes e contribuem para o entendimento de novas significações de trabalho e da aquisição da língua portuguesa, o que parece promover e integrar culturalmente, delineando identidades.

Mas como integrar os haitianos e contribuir para a sua permanência se não oportunizar, de fato, o conhecimento de língua como gesto de continuidade e construção de identidade? De que maneira se estabelece relação de trabalho, justa e igualitária e promove relações de emprego que abriguem e atendam as necessidades, quiçá básicas, a essa população?

Já sabemos que a proficiência linguística por si só é ineficaz frente a um problema global e que se percebe também localmente. Assim, urge a preocupação quanto a criação e fortalecimento de uma literatura que, em contexto de negociação e intercâmbio possa ouvir os participantes, talvez o caminho adequado, e que nos servirá de base para a construção de alguns sentidos do processo migratório. Assim, reservamos uma seção para colocar-se na escuta, possibilitando a compreensão dos sentidos de língua portuguesa para o empregador e empregado, (re) vozear o discurso daqueles que estão na diáspora haitiana e em processo de educação intercultural.

Os sentidos do português nas relações de trabalho

Em meio a processos migratórios salientamos a tentativa brasileira de incluir socialmente, mesmo que os mecanismos de inclusão não sejam integradores ou desenvolvidos

de modo eficaz. Assim, o ensino do português para falantes de outras línguas que caminha sob diferentes prismas, mas que se mostra preponderante para autores como Cabete (2010), Oliveira (2010), Amado (2013) e evoca o sentido inicial de contextos amigáveis e de intercâmbio cultural.

Já salientamos que o ingresso de imigrantes de diferentes nacionalidades no país demanda um estreitamento de relações sociais, que devem considerar, elementos como a cultura dos agentes e a língua falada por estes, enfoque apresentado por Silva (2002). Se considerarmos que a grande motivação da imigração haitiana é o trabalho, perpassa-se também as questões de língua, pois para que o estrangeiro consiga trabalhar é preciso que ele domine/compreenda, mesmo que minimamente, o idioma no qual irá interagir (AMADO, 2011; 2013).

Acresce que a conjuntura econômica atual brasileira mostra-nos que o mercado de trabalho não está tão aquecido, o que acentua a competitividade, a corrida por mão de obra qualificada. Neste cenário, a dificuldade daqueles que aqui chegam e que não dominam o idioma acaba por limitar e aumentar as dificuldades. Para Amado(2013) esta é uma das condições para conseguir trabalho: dominar uma segunda língua, pois é porta de acesso à vaga de emprego. Ressaltamos essencial ao imigrante, não só pleitear uma vaga de emprego, mas, sobretudo, ter acesso aos direitos fundamentais e suas garantias tão bem anotado por autores como Peres (2005); Vieira(2010); Amado (2011); Magalhães e Cyranka(2016) e Amado(2013).

Amado (2013) ainda apresenta o fenômeno das chamadas comunidades de trabalhadores transplantados. Ela investigou a questão da integração entre as culturas e as línguas dos imigrantes que chegaram ao Brasil, sob o prisma de iniciativas individuais e organizações não governamentais, no que diz respeito ao ensino da língua portuguesa como segunda língua. A pesquisadora aponta o não domínio do português como um limitador na vida dos imigrantes que estão em solo brasileiro, uma vez que restringe o acesso ao trabalho, aos órgãos governamentais, e à assistência social, principalmente médica, o que os tornam vulneráveis à exploração, seja social, econômica ou financeira.

Como a língua, a cultura e a identidade são fatores que estão imbricadas percebemos que, neste contexto, a forma de segregação, a separação entre um “eu” e o “Outro” se torna mais evidente, pois não se aprende nem se ensina uma língua, imune a tudo que se constrói, pois o sujeito se significa por meio dela. Informa-nos Silva que

E nesse contexto contrastivo [de migração] que elementos da cultura material, formas linguísticas, rituais, tradições, festas, entre outros ganham relevância, evocando muitas vezes, vários significados, dependendo da conjuntura em que são veiculados. Nessa, perspectiva, **linguagem e símbolos podem estar evocando ao mesmo tempo várias coisas, entre elas uma nova forma de pertencimento, como é o caso da língua portuguesa no espaço público entre os imigrantes** (SILVA, 2002, p. 2 grifos nossos).

Deste modo, é possível evidenciar que o apreender de outra língua não significa perder a identidade, mas ampliar os sentidos de língua enquanto pertença, uma forma de garantir e dar autonomia ao sujeito-imigrante. Neste sentido, a língua é canal que pode possibilitar a inserção social e cultural, permite ao Outro ressignificar sua identidade, embora reconheçamos que este é um processo em constante construção.

Metodologia

Por meio de uma abordagem de pesquisa qualitativa, perseguiremos os caminhos teóricos metodológicos da Linguística Aplicada e de perspectiva interpretativista, buscaremos compreender como e em qual(s) situação(s) acontece(m) a aquisição da língua portuguesa por imigrantes haitianos, incorporadas às relações de trabalho.

Atentos aos requisitos da pesquisa etnográfica interpretativista, pois é a atividade do cientista social, neste caso, compreender pelo discurso dos interactantes a relação entre língua e trabalho, as entrevistas foram transcritas na íntegra e os recortes identificados pela numeração dos participantes.

Bortoni-Ricardo (2008, p.32) ao apresentar o paradigma interpretativista indica que “ não há como observar o mundo independente das práticas sociais e significados vigentes, [...] a capacidade de compreensão do observador está enraizada em seus próprios significados, pois ele(ou ela) não é um relator passivo, mas um agente ativo. Também Bauer e Gaskell ponderam que

Toda pesquisa com entrevista é um processo social, uma interação ou um empreendimento cooperativo, em que as palavras são o meio principal de troca. Não é apenas um processo de informação de mão única passando de um (o entrevistado) para o outro (o entrevistador). Ao contrário, ela é **uma interação, uma troca de ideias e de significado, em que várias realidades e percepções são exploradas e desenvolvidas**. Com respeito a isso, tanto o(s) entrevistado(s) como o entrevistador estão, de maneiras diferentes, **envolvidos na produção de conhecimento**, (BAUER, GASKELL, 2002, p. 73, grifos nossos).

Para composição do *corpus* de análise utilizamos dos diálogos informais, das observações participantes nas visitas técnicas a 02 (duas) residências dos imigrantes entrevistados, da observação participante das pesquisadoras no Curso de Português oferecido pelo IFMT, e de entrevistas semiestruturadas aplicadas a 2(dois) empregadores de Sinop/MT e 10 (dez) imigrantes haitianos, residentes e domiciliados na cidade. A coleta dos dados e observações para a pesquisa ocorreram entre os meses de julho e setembro de 2016.

Para um exercício de análise transcrevemos alguns excertos, fruto das entrevistas aplicadas aos participantes. Mas é necessário afirmar que nosso primeiro contato ocorreu a partir do Curso de Português oferecido pelo IFMT(*Campus* avançado de Sinop), que abriga um projeto de acolhimento social e que tem no ensino de língua portuguesa uma forma de dar acessibilidade aos haitianos que chegam nesta cidade.

Convidados a participar do Projeto nos aproximamos dos alunos com observações, conversas informais, e por fim ministração de aulas. Interessante observar, que em todo momento cuidávamos para interagir com naturalidade e deixar nossos interlocutores à vontade. A receptividade dos alunos nos deixou à vontade para dialogarmos sobre o trabalho, e os desafios de aprender a língua. Em nossos diálogos, muitos nos convidaram para conhecer suas casas, o que fizemos com cordialidade procurando a compreensão da identidade dos haitianos.

Análise dos resultados: Privações e enfrentamentos na/pela língua

A língua(gem) é constitutiva e do domínio humano. Pela linguagem construímos e formulamos as diversas semioses que necessitamos para o convívio social na interação diária, além disso, construímos identidades. Roque-Faria e Silva (2016) corroborando com Hall(2005) afirmam que

[...] as identidades dos sujeitos estão sendo construídas e transformadas continuamente, de acordo com as formas pelas quais eles são representados e interpelados nos sistemas culturais que os rodeiam. Sendo assim, esses indivíduos **assumem diferentes identidades em diferentes momentos, não se tratando de uma unificação em torno do “eu” coerente, mas de um deslocamento contínuo** (ROQUE-FARIA, SILVA, 2016, p 37.)

Por isso, afirmamos a linguagem como mediadora nas/pelas relações de trabalho. Por esta razão, buscamos observar os discursos dos imigrantes em diferentes contextos de seu cotidiano.

Durante o processo de visitas nas residências dos imigrantes podemos observar cada casa, cada olhar, cada sujeito disponível e interessado em dialogar, mesmo quando a língua falha, os equívocos surgem e a ansiedade atravessa e constrange o sujeito a intercambiar, linguisticamente. Referimo-nos aos momentos em que quando o participante não acessava o termo em português, ele o fazia em outros idiomas, inconscientemente, para evidenciar a significação e prover sentidos ao que buscava dizer.

Nossa tentativa não se restringia apenas aos gestos da observação, mas principalmente, ouvir, dar voz, ou revozeir os sujeitos pesquisados. Dentre os empregadores que recebem os haitianos escolhemos dois segmentos de mercado que consideramos significativos: o primeiro está ligado à gastronomia e o segundo ao paisagismo, duas empresas fortes e influentes em Sinop, em seus ramos de atuação. Ao ouvir os dois grupos, empregadores e empregados, cumprimos um requisito da pesquisa qualitativa interpretativista que nos exige deslocar do paradigmático para o mundo empírico, reconhecendo que existe “comunidades múltiplas interpretativas, cada qual com seus próprios critérios para avaliar uma interpretação” ideia sustentada por Denzin e Lincoln (2006, p.37).

Assim, nos colocamos como canal por onde essas vozes podem ser escutadas. Nesta direção reiteramos nossas perguntas: Qual(s) sentido(s) emergem na/da relação empregador e empregado? b) como se dá a interação linguística entre os autores sociais pesquisados? Por uma questão organizacional adotamos iniciar pelos empregadores e a seguir, os empregados haitianos.

O primeiro pesquisado é do ramo de paisagismo. Quando questionado sobre a presença dos haitianos na empresa ele afirma o gênero masculino como preponderante, tendo em vista o ramo de atividade da empresa.

(01) (...) Só homens! Então, como é um serviço, a gente trabalha com serviço de paisagismo (~) **a gente trabalha com eles na questão do serviço externo da loja, que é execução de projetos de paisagismo. Então, eles trabalham nesse ramo aqui na loja.** (E1, 29/07/16)

O ponto negativo, um pouco é **a questão de você se comunicar, é a comunicação que você tem com o empregado do outro país.(...) A gente tem uma dificuldade em se entender, porque a nossa língua portuguesa, ela tem algumas coisas que (...) é complicado para os outros entenderem.(...). As vezes, eu tenho que explicar duas ou três formas diferentes usando outras palavras ou as vezes gestos, ou desenhos para poder se comunicar com a pessoa. Então, esse acho, que seria o maior ponto negativo deles. A língua, a questão de comunicação entre (...) empregador e empregado.** (E1, 29/07/16)

(02) O ponto positivo que eu posso ressaltar é (+) tem muitos pontos positivos (...): eles são muito esforçados, eles muito trabalhadores, eles são (/) a educação que eles tem é (...) de país de origem deles é uma educação muito humilde. Eles (+) tudo para eles é ótimo, é muito bom. (...) eles acabam vendo o mundo de outra forma, achando que aqui tudo é maravilhoso, que é tudo (/) mundo novo, totalmente diferente do que é o dia a dia deles lá. (...) eles são profissionais muito bons do que eles fazem. Eles dedicam muito e desempenham a função com muita excelência, então, assim, com muito profissionalismo. Então, assim o que a gente passa para eles é executado com perfeição. (E1, 29/07/16)

(03) Então, o pouco da convivência é a questão da (+) como é que vou definir isso (+) a diferenciação entre os países. Brasil tem uma cultura pouco diferentes do país deles. Aqui a cultura é muito (...) brincadeira, tudo é (...) (/) tem coisa que não é muito séria, o pessoal é um pouco debochado, é muito brincalhão, muito no ‘hahaha’. Lá a gente percebe que eles quando vem são mais sérios, são mais centrados, eles tem uma postura diferente no ambiente de trabalho. (E1, 29/07/16)

Há de certa forma o esforço do empregador por dar acessibilidade ao imigrante. As interações diárias e a importância da mão de obra barata em relação aos brasileiros produz um sentido de permanência, conforme se vê no excerto 05.

(04) Então, a gente não tem uma certa visualização em conversação entre funcionário imigrante e a pessoa que tá comprando o serviço ou a mão de obra nossa. Mas, eu acho assim, se tiver algum contato é questão da curiosidade, né?! (...) a gente pergunta: como é lá no seu país? Curioso como é a cultura deles. Então, a gente vai conversando, vai vendo, entendeu? (E1, 29/07/16)

Não diferentemente, as impressões do empregador 02 é a de que a mão de obra estrangeira abre possibilidades de aprendizagem, de negociação pelo linguístico, embora hajam dificuldades. Neste setor, a mão de obra interna é 100% haitiana, prontos a aprender, evoca-se a ideia de “melhores condições” de trabalho e durabilidade no setor. Muitos sem experiência e na ansiedade de firmar-se num espaço que garanta a permanência no país, as relações são facilitadas pelos próprios compatriotas, ao indicarem para o trabalho, mediados pela língua origem dos trabalhadores conforme excerto 05.

(05) Hoje o grande problema nosso da mão de obra de Sinop, como todo o Brasil (...) é a falta de (+) comprometimento das pessoas com o trabalho, né. (...) eu prefiro gente que não tenha experiência na área de gastronomia que eu possa ensinar da minha forma tudo que ele possa aprender, pra mim é mais viável. (E 2, 05/08/16)

(06) O comprometimento por exemplo: eu tenho pessoas aqui haitianas que já estão há dois anos e dois anos e meio dentro da empresa.

(07) (...) eles mesmo me indicam “olha tal pessoa não”, “essa não”, “essa daqui, sim” Então, eles entre eles já conhecem as pessoas e eles vão me indicando as pessoas, “olha essa pessoa vai dar certo aqui.” Aí contrata e a gente vai e trabalha essa pessoa. (E 2, 05/08/16)

Frente a todas as evocações positivas do empregador 02, novamente a questão da língua cerca nosso diálogo. Quando o empregado estará preparado para se apresentar ao público? Mesmo que o haitiano sirva na preparação dos pratos, na organização do espaço em que os clientes circulam e que conste no organograma da empresa, são invisíveis. Só terão visibilidade se vencerem a barreira que os colocam à margem:

- (08) A grande dificuldade ainda é que a gente não tem muitos haitianos que falam muito bem o português. Então, há dificuldade. Até essa semana nós estávamos conversando com o pessoal da guarda, que a gente fala à pessoa da cozinha, né, e assim, a partir do momento que o pessoal tiver preparado eles vão vim para a sala também. (E 2, 05/08/16)
- (09) (...) É uma questão assim, quando eu treino as pessoas pode ter certeza que essas serão os melhores profissionais, pode ter certeza que vão aprender tudo dentro do restaurante, vão aprender dentro da cozinha, da sala, tudo! E daí depois vamos trabalhar sobre o atendimento ao cliente aqui na frente. Então, pode ter certeza que essa pessoa formada dessa forma ela vai ser muito superior às pessoas que só vem trabalhar no salão. Uma pessoa vai pedir uma explicação e ela não vai saber explicar o quê que é que ela tá servindo. (E 2, 05/08/16)
- (10) (...) logicamente que eles tem dificuldade de conversar com eles, então, assim muitas das coisas eu repasso para as pessoas que falam o português, né, bem corretamente. Então, assim eu procuro falar maior parte do tempo com eles diretamente, porque eles vão aprendendo, vão pegando desde as coisas mais simples dentro da casa, mas eles vão aprendendo o que eu quero dentro da cozinha, né. (E 2, 05/08/16)

Os excertos 09, 10,11 refletem o sujeito da diáspora. Incluir os falantes de outras línguas é uma questão política. Primeiro, servem para o trabalho subjugado, o repetível, o dado que não pode ser questionado; segundo, têm que receber formação aos moldes do empregador. Há um sentido de mão de obra barata, lucro, logo, satisfação à empresa. Se não dominam o português corretamente, servem para ficar como “aqueles que remam o barco às escondidas”, ou seja, tem vez mas não tem voz; terceiro e evidente no excerto 10 “eu procuro falar diretamente com eles...eles aprendem o que eu quero na cozinha. Este trecho nos leva a outras questões: Qual é, de fato, a grande preocupação do empregador? Gerar condições de trabalho pela língua ou inserir os atores invisíveis na sociedade sinopense de trabalho? Nas situações comunicativas está a identidade e a construção linguística em evidência ou somente as relações de trabalho interessam ao empregador 01 e 02?

O aprendizado de uma nova língua “envolve mais que uma mera competência linguística e comunicativa[...]” (Dias, 2016, p.18) implica familiaridade com o cultural, expansão da consciência cultural e da sua competência intercultural conforme pontedam Cotinguiba e Cotinguiba (2015).

Seria demasiado arriscado um parecer, tendo em vista que este exercício de análise mostrou até aqui, somente uma parte. Se “todas as pessoas pertencem e se identificam simultaneamente com várias culturas diferentes” (Dias, 2016, p. 18), ouçamos aqueles que “arriscam suas vidas em águas bravias do mar migratório.

Independente da situação, empregado ou não, para estes há sempre esperança de que tudo pode dar certo. Tal disposição lembra a identidade brasileira: o prazer em receber a outrem, a alegria e o sorriso, mesmo quando a língua portuguesa não parece suficiente para enunciar o que se pretendia. Como todos entrevistados já haviam tido contato com curso de Língua Portuguesa, procuramos saber das contribuições, das interferências na vida pessoal e nas relações de trabalho.

Nos excertos 12, 13 e 14 as identidades se cruzam pela subjetividade linguística e perspectivam portas de trabalho que se abrem pela língua. Tanto o participante 01, 02 e 03 fazem questão de evocar o sentido de que é possível, pela língua, engendrar caminhos e construir, pela competência intercultural identidades em contexto de trabalho.

(11) **Este curso que estou fazendo, eu vejo que vai ficar melho pla mim porque tem alguma frase que eu não sabia e também tem alguma pronúncia que eu não sabia...agora tô sabendo, eu começo a sabê como eu posso falar e abri a minha boca em alguma frase, porque esse curso eu acho que vai ficar melho.** (Participante haitiano 01 - 03/09/16)

(12) (...) **pla me ajuda no trabalho e lá fala também de trabalho. Porque como este curso que estou fazendo aí depende que outro que não fiz, do jeito que eu vo fala, porque a minha forma é diferente do jeito que eu vo fala por causa desse curso, aí eles não vão te essa oportunidade pla pode fala do mesmo jeito comigo.** (Participante haitiano 01 - 03/09/16)

Nos excertos 14 a 18 os participantes reconhecem o curso como meio de inserção social, embora o participante 04 no excerto 15 reconhece que a Língua Portuguesa não é constitutiva do sujeito haitiano e reafirma no excerto 16 que antes do contato de aprendizagem não sabia falar português. O falante haitiano, para dar conta das interações diárias intercambiam em diversas línguas, desvã que encontra como saída para qualquer embaraço.

(13) [...]eu falava alguma coisa, **aqui aprende mais. Pode me ajuda que quando eu saí na rua pedindo serviço, eu tenho que fala um pouco melho.** (participante haitiano 02, 09/09/16)

(14) alguma vez tem dificuldade pla fala com brasileiro, **você sabe essa língua nó meu língua(...)** (Participante 04, 09/09/16)

(15) eu é muito bom, ajuda eu aprende fala português porque **quando eu venha aqui eu nó entende nada em português**, agora eu entende muita coisa. E fala também alguma coisa. **Eu conversa em Crioule com haitiano e com brasileiro em português, é que eu não fala muito bem, eu fala um pouquinho brasileiro.** (Participante 04, 09/09/16)

- (16) Está melho porque cam **eu vem aqui aprende na curso eu aprende mais, aprende mais, sí entendi o pessoal coisi que fala, eu entendi mais.** Fala em português, fala português, e tem haitian eu fala portugues também com haitian. (Participante 05, 09/09/16)
- (17) **Esse que dá o Brasil** tá vá ajuda, **esse que não sabe nõ dominam.** (Participante 06, 20/08/16)

De fato, quando os participantes de pesquisa falam diversas línguas e apropriam-se das relações multi e interculturais, o fazem de forma inconsciente. Sua competência linguística permite, pois, projetar, validar-se como sujeitos na/pela linguagem, ou seja interactantes capazes de apreender mais uma língua.

Os excertos 19 a 22, ressaltam o sentido de deslocamento e esforço por uma política linguística entre usuários. A maneira como os haitianos pensam, situam e se relacionam demonstra o respeito pela alteridade e sinalizam que embora haja diferença, é por ela que se fazem reconhecidos.

A liguidéz e fluidez (2005) presente na identidade reforçam o fato, dela ser reconstruída socialmente, adequada às diversas realidades humanas refletindo e refratando o esforço do interactante em compreensão linguística. Identidade e diferença são marcas que garantem ao mundo linguajeiro a inserção do outro no convívio de linguagem.

- (18) Hum... é um lugar di locação di caçamba, **tem gente que me liga e precisa um grandí ou um pequenha caçamba, lá eu liga empresa e passa um caminha para leva ele.**(Participante 07, 20/08/16)
- (19) Francês, crioulo, inglês, espanhol também, **agola o curso de português vai melhor para mim pra eu fala. eu nõ falo português, mas eu vo fala. O curso de portugue (...)ele vai me ajudar mais a (...) então eu acho já vai lá na escola só pa te um papei que fala que já falo português pa busca um faculdade aqui na cidadi pra aprende um negócio(...) e isso que preciso, preciso vai na faculdade aqui.**(Participante 07, 20/08/16)
- (20) Si aprende a fala português. (+) **lá na casa trabaiá também ... fala só um pouquinho.**(...) si eu nõ sabo, e se você vá lá no melcado, eu nõ sabe fala a outa pessoa que é esse aqui, ele tá falando ae, eo sabe. (Participante 08,20/08/16)
- (21) E o convêlsa outra pessoa lá trabaiá, fala (...) poque **ota pessoa fala plá mi, eu aplende fala.** E eu sei fala no melcado, malido fala bem português, **si você vá lá no melcado, eu conversa com ele, ele conversa com eu Criole, eu mando ele conversa português, porque eu faze comple lá no melcado.** (Participante 08,20/08/16)

Muitas pesquisas demonstram que as línguas do Haiti(francês e Crioulo) são marcadores sociais. “[...] quanto mais escolarizado e com maior poder socioeconômico, mais o indivíduo se aproxima do francês. Da mesma forma o crioulo está associado a ambientes menos escolarizados” (Amado, 2011). Diríamos que a língua adotada pelos haitianos é a língua-família, mesmo que tenha discrepância frente ao francês.

Quando reúnem-se em rodas de conversas, nos intervalos das aulas, nos supermercados, numa situação de auxílio linguístico, é pela língua de pertença que se comunicam, se ajudam. Se orgulham de romper as fronteiras linguísticas para alcançar o objetivado. São as pistas linguísticas dos excertos 23 a 29 a âncora de nossas assertivas: “eu venho indicado para assumir uma vaga de trabalho”; “os brasileiros me tratam bem”; “eu estudei...para falar e compreender a língua de subsistência (a língua Portuguesa); “ a empresa me valoriza para eu estudar e dominar a Língua Portuguesa”; “ o que eu aprendo aqui servirá para a vida”.

(22) (...) **como eu trabalho di armador, tinha a vaga di armador, então eu venho indicado.** (Participante 09,20/08/16)

(23) Mas na verdade, na verdade, eles (...) **eles me tratam muito bem, entendeu? (...) eles me tratam muito bem(...).**(Participante 10, 20/08/16)

(24) (...) **eu fiz curso, passei um tempão estudando, daí da para compreender todo mundo quando a gente fala.** (Participante 10, 20/08/16)

(25) quando fiquei pela consórcio Santo Antonho Porto Velho, então **quando cheguei aqui a genti não sabia até bom dia, mas graças a Deus hoje sei mas que bom dia, entendeu?** e daí **a firma paga (...)paga pra genti pode estuda e (...) tudo mais.** (Participante 10, 20/08/16)

(26) (...) **esse aqui que eu aprendi de lá, tá servindo ainda pra cá no sinop, então posso dizer Brasil inteiro.**

Ao que parece, o Brasil é caminho de oportunidades aos imigrantes haitianos e Mato Grosso, a terra de oportunidades, das construções civis, do comércio aberto, do agronegócio. Mas, para atender e ser inserido neste contexto a língua de sobrevivência deve ser dominada, pois o capital simbólico é um requisito para inserção no mercado de trabalho.

E embora os espaços trabalhistas sejam “alargados” e haja reconhecimento do imigrante como esperançoso e trabalhador, precisam atingir as condições mínimas linguísticas no que tange à subsistência e seguridade no país.

Considerações Finais

Na contemporaneidade, o fenômeno da migração não se mostra inovador. Há muitas décadas pessoas se deslocam de um lugar a outro em busca de condições melhores para se viver. O Brasil não se configura como nenhum “eldorado”; no entanto, consolidou-se como uma opção para os imigrantes haitianos, diante da dura realidade que os cerca em seu país.

Como destino final ou “trampolim” para este, o Brasil passou a ser uma alternativa para os imigrantes haitianos, que buscavam e ainda buscam, sobretudo, trabalho. Se migrar, deslocar-se de seu país original, pagar altas cifras, submetendo-se, por vezes, aos atravessadores para chegar em um país com uma nova língua e cultura seria um difícil desafio para esses grupos, conquistar um trabalho neste novo espaço então não seria menos penoso. No entanto, a reflexão desenvolvida

aqui deixa evidente que é também por meio do trabalho que essa população busca integrar-se à sociedade brasileira.

Mesmo que hajam outras políticas de inserção social, é pelas vias do emprego que os imigrantes conseguem, ainda que minimamente, seu empoderamento, ainda que faltem incentivos que garantam, de fato, acessibilidade aos benefícios sociais básicos, no sentido de garantir que se tornem sujeitos de direito.

A aquisição/aprendizagem da língua portuguesa, na reflexão aqui desenvolvida, é entendida como questão de sobrevivência para o imigrante haitiano, dada sua relevância para que eles acessem emprego, moradia, saúde, educação, dentre outros, figurando como elemento preponderante entre os atores pesquisados.

Dentro do contexto de relação de trabalho levantado, a aprendizagem da língua portuguesa parece ser fonte de poder para o haitiano, pois ele a utiliza como moeda de troca para barganhar um emprego, manter-se nele e até indicar compatriotas para serem contratados. Quando falta o domínio da língua portuguesa, os haitianos intercambiam informações linguísticas sobre ela, no desespero de se fazerem compreender, porque sabem da importância de se comunicarem pela língua aqui falada.

Nesta região em que o mercado de trabalho ainda oferece “oportunidades de emprego”, apenas aqueles imigrantes que se moldam às exigências dos empregadores são contemplados, o que significa possuir domínio da língua portuguesa para atender as demandas do trabalho e executar as atividades profissionais de modo subjugado.

Diante deste cenário, a questão já levantada anteriormente parece se colocar mais uma vez. Como integrar os haitianos e contribuir para a sua permanência se não se oportunizar, de fato, o conhecimento da língua como gesto de continuidade e construção de identidade? Estas questões podem servir de norte para outros estudos que visem observar o mesmo fenômeno social que se pretendeu abordar.

Mesmo com as limitações desse estudo, compreende-se que essa pesquisa poderia ser aplicada em outros grupos e regiões do país, proporcionando possibilidades de confrontar discursos e perceber novas questões que se colocam entre os atores sociais envolvidos, além de contrapor as temáticas de relação de trabalho, imigração e língua/linguagem.

Referências

AMADO, Rosane de Sá. Português como segunda língua para comunidades de trabalhadores transplantados. **Revista da SIPLE**, v. 2, p. 0-0, 2011.

AMADO, Rosane de Sá. O ensino de português como língua de acolhimento para refugiados. **Rev. SIPLE**, v. 7, n. 2, 2013.

AMADO, Rosane de Sá. O ensino de português para refugiados: caminho para a cidadania. In: **Português para falantes de outras línguas: interculturalidade, inclusão social e políticas linguísticas**. Rubens Lacerda de Sá(org). Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Zahar, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola. 2008.

CABETE, Marta Alexandra Calado Santos da et al. **O processo de ensino-aprendizagem do português enquanto língua de acolhimento**. 2010. Tese de Doutorado.

COTINGUIBA, Geraldo Castro; PIMENTEL, Marília Lima. Apontamentos sobre o processo de inserção social dos haitianos em Porto Velho. **Travessia–Revista do Migrante**, n. 70, p. 99-106, 2012.

COTINGUIBA, Marília Lima Pimentel; COTINGUIBA, Geraldo Castro. Imigração haitiana para o Brasil: os desafios no caminho da educação escolar. **Revista Pedagógica**, v. 16, n. 33, p. 61-88, 2015.

COTINGUIBA, Geraldo Castro; PIMENTEL, MARÍLIA LIMA. Deslocamento populacional contemporâneo: língua e história – uma contribuição para os estudos sobre a imigração haitiana para o Brasil. In: **Imigração e deslocamentos populacionais contemporâneos**. Gattaz, A.; Fernandez, V. P. R. (Orgs.). São Paulo: Editora Pontocom, 2015.

CORREA, Lêda. Português como língua estrangeira no Mercosul. O caso da Argentina. In: **Português como Língua (Inter)Nacional: Faces e interfaces** Kleber Aparecido da Silva/Danúsia Torres dos Santos (Orgs.). Campinas, SP :Pontes Editores, 2013.

DENZIN, Norman K, LINCOLN, Yvonna. **A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa**. In: O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. Denzin, Norman , Lincoln, Yvonna S; tradução Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DIAS, Ana Paula Paiva. Ensino aprendizagem intercultural de línguas estrangeiras: da teoria à sala de aula. In: **Português para falantes de outras línguas: interculturalidade, inclusão social e políticas linguísticas**. Rubens Lacerda de Sá(org). Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

DUNLOP, Jhon. T. **Industrial Relations Systems** (ed. revista). Boston: HBS Press, 1993. (1º ed. 1958).

FARIA, Maria Rita Fontes. **Migrações internacionais no plano multilateral: reflexões para a política externa brasileira**. Fundação Alexandre de Gusmão, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Org. e trad. Roberto Machado, 21 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

JAQUEIRA, Manoela Marli; MARTINS, Os direitos fundamentais e o trabalhador Imigrante no Brasil. *Derecho y Cambio Social*, 2015. Disponível em: www.derechoycambiosocial.com, ISSN: 2224-4131, consultado em 10/07/17.

OLIVEIRA, A. Processamento da informação num contexto migratório e de integração. In: GROSSO, M. J. (dir.) **Educação em Português e Migrações**. Lisboa: Lidel, 2010.

MAGALHÃES, Tânia Guedes; DE MENDONÇA CYRANKA, Lucia Furtado. Sujeito, educação e o trabalho com a Língua Portuguesa na escola básica. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 95, n. 241, 2016.

MARTES, Ana Cristina Braga. Chegadas e partidas: migrações internacionais no Brasil recente. **GV-executivo**, v. 15, n. 1, p. 30-33, 2016.

MELO, Marlene Catarina de Oliveira Lopes; CARVALHO NETO, Antônio Moreira. **Negociação coletiva e relações de trabalho: o debate atual**. ABET, 1998.

DE MORAES, Isaias Albertin; DE ANDRADE, Carlos Alberto Alencar; MATTOS, Beatriz Rodrigues Bessa. A imigração haitiana para o Brasil: causas e desafios. **Conjuntura Austral**, v. 4, n. 20, p. 95-114, 2013.

OBSERVATÓRIO DAS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS – OBMigra: In: Imigração Haitiana no Brasil: características sociodemográficas e laborais na Região Sul e no Distrito Federal, 2016. Disponível em <<https://obmigra.mte.gov.br/index.php/publicacoes-obmigra>> , consultado em 30 dez. 2016.

PATARRA, Neide Lopes. Migrações internacionais de e para o Brasil contemporâneo: volumes, fluxos, significados e políticas. **São Paulo em perspectiva**, v. 19, n. 3, p. 23-33, 2005.

PATARRA, Neide Lopes; BAENINGER, Rosana. Migrações internacionais, globalização e blocos de integração econômica-Brasil no Mercosul. In: **I Congreso de la Asociación Latino-America de Población (ALAP)**. 2004.

PACIFICO, Andrea Pacheco; PINHEIRO, Thaís Kerly Ferreira. O status do imigrante haitiano no Brasil após o terremoto de 2010 sob a perspectiva do Pós-Estruturalismo. **Revista Perspectivas do Desenvolvimento: um enfoque multidimensional**, v. 1, n. 1, p. 107-125, 2013.

PARISE, P. Imigração no Brasil: os números e os desafios sociais e éticos. In: BAGGIO, Fábio, PARISE, Paolo e SANCHEZ, Wagner Lopes (coords). **Mobilidade Humana e Identidades religiosas**. São Paulo: Paulus, 2016.

PERES, Suely Marcolino. O labirinto da linguagem no mundo empresarial do trabalho (A linguagem no enfrentamento de relações de trabalho). Paraná, 2005. Disponível em . Acesso em: 10 mai. 2013.

PIMENTEL, Marília Lima; COTINGUIBA, Geraldo C. Elementos etnográficos sobre imigração na Amazônia: inserção social de haitianos em Porto Velho. **Temas de Antropología y Migración**, n. 7, p. 31-55, 2014.

RAMOS, André de Carvalho. Responsabilidade internacional do Estado por violação de direitos humanos. **Revista CEJ**, v. 9, n. 29, p. 53-63, 2005.

REIS, Rossana, Rocha. Soberania, Direitos Humanos e Migrações Internacionais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 19, n. 55, 2004.

ROQUE-FARIA, Helenice; SILVA, Kleber. A configuração identitária docente no contexto de formação inicial do PIBID. In: **A formação de professores de línguas e o PIBID: experiências, crenças e identidades**. NEA, 2016.

SÁ, Rubens Lacerda. **Português para falantes de outras línguas: interculturalidade, inclusão social e políticas linguísticas**. Campinas, SP: Pontes editores, 2016.

SASSEN, Saskia. Será este o caminho? Como lidar com a imigração na era da globalização. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 64, p. 41-54, 2002.

SILVA, Sidney Antonio. A linguagem dos símbolos no contexto da migração. *Travessia-Revista do migrante*. Ano XV, n. 42. Jan/Abr, 2002.

SOARES, Weber; LOBO, Carlos; MATOS, Ralfo. MOBILIDADE ESPACIAL DOS IMIGRANTES ESTRANGEIROS NO BRASIL-1991/2010. **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 23, n. 44, p. 191-205, 2015.

THOMAZ, Diana Zacca. Migração haitiana para o Brasil pós-terremoto: indefinição normativa e implicações políticas. **Primeiros Estudos**, n. 4, p. 131-143, 2013.

VIEIRA, Maria Eta. Ensino e aprendizagem de português língua estrangeira: *os imigrantes bolivianos em São Paulo*. 2010. *Tese* (Doutorado em Linguagem e Educação) – Faculdade de Educação, USP, São Paulo, 2010.

ZENI, Kaline; FILIPPIM, Eliane Salete. Migração haitiana para o Brasil: acolhimento e políticas públicas. **Revista Pretexto**, v. 15, n. 2, p. 11-27, 2014.